

A DINÂMICA DE GÊNERO NOS JOGOS DE FUTEBOL A PARTIR DE UMA ETNOGRAFIA

Arlei Sander Damo

Resumo: O futebol é tido no Brasil como um jogo com forte conotação masculinizante e, como tal, desaconselhado às meninas. O objetivo deste artigo é mostrar, a partir de uma configuração social concreta, como a dinâmica que se desenrola no interior do jogo faz com que ele seja percebido como uma atividade talhada para homens, embora nem todos os homens se conformem ao padrão de masculinidade hegemônico no futebol. Evidencio, em perspectiva etnográfica, algumas estratégias para fazer frente à exclusão sugerida às meninas.

Palavras-chave: futebol; cultura; masculinidade.

Não é preciso ser especialista para identificar no futebol um predomínio masculino acentuado, seja ele prático ou simbólico. Esta tendência tem-se reproduzido com o passar dos anos e confirma-se em quase todos os lugares nos quais o futebol foi adotado, salvo raras exceções, como é o caso da China, dos EUA e de algumas outras ex-colônias britânicas. Seria, pois, o futebol um jogo masculino na sua essência? Em caso afirmativo, o que daria a ele tal conotação? Ou será uma mera convenção, uma arbitrariedade cultural, alheia às regras do jogo, que define a proeminência masculina no futebol?

É sabido que as mulheres praticantes deste esporte – em países como o Brasil, por exemplo – são seguidamente vítimas de preconceito, apesar dos muitos casos nos quais elas oferecem resistência. Mesmo que a participação delas dê a impressão de ter aumentado quantitativamente, ou de ter-se tornado mais visível, pelo menos, isto não implica que o futebol deixou de ser uma área preferencial da homosociabilidade masculina. Não se pretende aqui fazer uma denúncia ou condenação do futebol, nem mesmo das configurações nas quais ele é praticado. Busca-se antes mostrar como a relação entre masculinidade e prática futebolística é estabelecida em um dado contexto empírico. Pretende-se, assim, superar o uso estereotipado das categorias associadas à questão do gênero (homem/mulher, masculino/feminino etc.), mostrando, por meio da etnografia, a maneira como indivíduos concretos experimentam e significam a participação no jogo. Parto do pressuposto, compartilhado

Niterói, v. 7, n. 2, p. 137-152, 1. sem. 2007 137

por extensa bibliografia, de que gênero continua sendo uma categoria classificatória das mais importantes na nossa cultura, conquanto o interesse aqui seja pela relação e, portanto, pela coexistência com outras categorias sociais. Neste sentido, o futebol não é tomado tão-somente como um território dominado pelos homens, mas como um espaço no qual a própria masculinidade é dramatizada.

Este entendimento sepulta, desde logo, qualquer perspectiva essencialista de entendimento do futebol. Não há, *a priori*, nenhum traço que defina o futebol como um jogo masculino, conquanto determinadas regras, como a interdição das mãos, contribuam para que a sua dinâmica tenha contornos mais agressivos, quando comparados com outros esportes, sendo então associado ao *ethos* masculino – de qualquer modo, não estou propondo, em hipótese alguma, que a agressividade seja por definição um traço masculino. O propósito é tomar o jogo enquanto um fato social, centrando o interesse na dinâmica das configurações de jogadores – quem passa a bola para quem, quem evita e quem é evitado e por que motivos; como são feitas as escolhas das equipes, quais são as estratégias de jogo; até que ponto os componentes de uma mesma equipe estão dispostos a cooperar, e, se não cooperam, como justificam tal atitude etc. – e nos significados da participação – como os agentes justificam o envolvimento com o jogo, como narram as suas experiências, como avaliam suas performances etc.

Esta modalidade de olhar pressupõe que jogos de futebol possam ter tonalidades muito diversas, mesmo quando apenas homens dele participam. Afinal, homens (e mulheres) não são iguais em toda a parte. Captar os significados a partir de eventos e de sujeitos concretos não implica negar o interesse e, mesmo, a possibilidade de formular questões abstratas, tampouco de forjar interpretações alargadas. Este artigo é o desdobramento de uma discussão inserida na tese de doutorado do “Do dom à profissão...” (DAMO, 2005a), cujo objetivo central foi explicitar os dispositivos atinentes ao processo de formação profissional de futebolistas. Penso que a contextualização da presente discussão é importante para a compreensão das relações de gênero no espectro futebolístico, razão pela qual este será o ponto de partida deste texto.

Dos centros de treinamento às peladas

Como dito, a tese que suscitou a presente discussão tratou dos dispositivos concernentes ao processo de formação profissional de futebolistas, compreendendo, por dispositivos, um conjunto heteróclito de elementos que vão desde os espaços físicos destinados ao aprendizado e aprimoramento das técnicas corporais exigidas para o exercício da profissão, bem como as tecnologias correspondentes, até os códigos éticos e estéticos que orientam esses profissionais. Ao contrário do que supõe o senso comum, os futebolistas profissionais são muito mais do que amantes deste esporte dotados de talento diferenciado. Conquanto o dom/talento seja determinante para o sucesso profissional, há muitos outros aspectos que estão em

138 Niterói, v. 7, n. 2, p. 137-152, 1. sem. 2007

jogo ao longo de aproximadamente 5 mil horas de treinamento – mais do que um curso universitário, portanto – a que são sujeitos os futebolistas na atualidade. O processo é longo, concorrido e permeado por momentos de tensão e dramaticidade. Como há mais pretendentes do que postos de trabalho disponíveis, a exclusão é uma constante; uma rotina naturalizada pelo “mundo da bola”.

Os dispositivos associados à produção de *pés-de-obra*¹ não existiram desde sempre, nem são os mesmos em toda a parte. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o surgimento e a especialização da formação de futebolistas é paralela à profissionalização do futebol, ou seja, de sua transformação num espetáculo de massa. Para entender os meandros da formação e da atuação profissional – o que não constitui o foco deste texto, obviamente – é importante pensar a dinâmica esportiva por um viés sociológico e a dinâmica social como um processo com sucessivas transformações marcadas por rupturas e continuidades (ELIAS, 1991). A espetacularização futebolística, que está na origem desses dois outros movimentos, relaciona-se estreitamente com a transformação dos esportes em bens simbólicos produzidos com vistas ao consumo em larga escala. A indústria esportiva, cuja existência está atrelada à capacidade de produzir emoções a partir dos mais variados tipos de espetáculos, contribuiu para estabelecer fronteiras não apenas entre praticantes e espectadores, como também levou alguns esportes à divisão social do trabalho, com especialistas em diferentes ofícios. O futebol voltado para o espetáculo, no interior do qual a diferenciação dos papéis é bem clara – ao menos entre torcedores, atletas, dirigentes e cronistas (DAMO, 2005b) –, tornou-se muito diverso do futebol praticado em ruas, praças, parques, terrenos baldios ou centros de lazer. O investimento em termos de capitais futebolísticos, que no caso do futebol voltado para o espetáculo demanda uma série de dispositivos, é secundário no caso do futebol bricolado (peladas), pois neste os praticantes se agrupam conforme um extenso leque de variáveis – que vão desde o local de moradia até às expectativas em relação à performance técnica.

Embora estes futebolistas tenham muita coisa em comum, é preciso enfatizar as diferenças, sob o risco de permanecermos na superfície da compreensão socioantropológica. No que concerne ao domínio das técnicas corporais, por exemplo, há uma diferença muito expressiva. Boa parte dos livros técnicos sequer dão importância para o futebol bricolado. Seus objetivos são o ensino/aprendizado de um jogo voltado à performance em público, e visam aos especialistas responsáveis por este processo. Tais livros fazem uma distinção clara entre formação e pré-formação, no que são seguidos pelos principais clubes e centros especializados. Na França, para citar um caso concreto, onde existe uma legislação relativamente consolidada acerca da formação profissional, há uma diferenciação bem nítida entre a formação

¹ O neologismo “pés-de-obra” é usado como sinônimo de futebolistas ou de jogadores de futebol profissional. Faço uso freqüente deste neologismo como estratégia discursiva, ou seja, para chamar a atenção dos leitores de que a prática do futebol profissional está sujeita às mesmas implicações que o exercício de outras profissões, resguardadas as especificidades, obviamente. Como falar em “formação de mão-de-obra”, por exemplo, sou um tanto forçado para o caso do futebol, prefiro, às vezes, trocar as mãos pelos pés.

propriamente dita, a cargo dos clubes de primeira e segunda divisões, e a pré-formação, a cargo de clubes esportivos de pequeno porte, como os clubes de bairro. Com regras bastante rigorosas, os centros de formação são forçados a dosar a carga de treinamento e oferecer escolarização complementar, pois é sabido que os investimentos no futebol são de difícil reconversão, e o mercado de trabalho não comporta boa parte dos *pés-de-obra* em formação. No Brasil, a legislação é mais recente, genérica, branda e não tem fiscalização, o que faz com que os centros de formação determinem, eles próprios, as regras do jogo. Os clubes freqüentemente propagandeiam, com apoio da grande mídia, as melhorias dos espaços físicos destinados à formação – campos, refeitórios, alojamentos, equipamentos de musculação, recuperação etc. –, fazendo crer que tais condições beneficiam os atletas. Trata-se de meia verdade, pois os clubes buscam, efetivamente, otimizar os resultados da produção de jogadores, para satisfazer as exigências dos torcedores e cotizá-los no mercado internacional, sendo as instalações um dos itens decisivos para seduzir jovens talentos, seus familiares e, sobretudo, agentes/empresários ávidos pela rentabilidade de seus investimentos. A preocupação com os excluídos é praticamente nula, mesmo que a exclusão seja estrutural, uma estratégia ou, preferindo-se, uma tecnologia a serviço da maximização dos lucros a partir do recrutamento, seleção e aproveitamento dos mais aptos. Não se trata, pois, de separar quem tem ou não talento, antes de reter os mais qualificados e descartar os demais, sendo esta uma constante em todas as etapas do processo.

Diferentemente da formação, iniciada por volta dos 14 anos, a pré-formação possui um estatuto diferenciado. No caso da França e de boa parte dos países da Europa ocidental, em que a formação esportiva segue muito de perto a formação escolar, até mesmo em termos de espaços, tecnologias e pedagogos, a pré-formação está a cargo de clubes de pequeno porte, quase sempre em locais próximos às crianças e aos adolescentes. No Brasil, tem havido uma proliferação das chamadas escolinhas de futebol, cuja relevância em termos técnicos é bastante discutível, razão pela qual os grandes clubes as mantêm com escassos investimentos. Duas coisas são importantes de serem ditas a este respeito: a) no Brasil, a pré-formação é, em boa medida, realizada fora dos espaços institucionalizados e, portanto, relativamente à margem das tecnologias e das disciplinas escolares. Em torno desta peculiaridade há, inclusive, uma extensa mitologia, relacionando a competência técnica individual e a capacidade de improvisação dos profissionais brasileiros com as experiências heterodoxas realizadas na rua, o que é igualmente discutível; b) as escolinhas, centros de pré-formação e equivalentes – tem sido cada vez mais freqüente encontrar centros de comunidade ou instituições assistenciais desenvolvendo projetos nesta área –, cuja relevância prática para o aprimoramento dos capitais futebolísticos pode ser questionada, são importantes centros difusores de valores associados à masculinidade, visto que a carreira de futebolista interessa quase que exclusivamente aos meninos.

Embora tenha priorizado na tese o trabalho de campo em centros de formação profissional, julguei oportuno descrever a etapa que antecede o recrutamento dos

140 Niterói, v. 7, n. 2, p. 137-152, 1. sem. 2007

jovens talentos para os centros especializados, pois, como já foi dito anteriormente, tais experiências por vezes são tomadas como um diferencial na produção de futebolistas no Brasil. O interesse, no princípio, estava voltado para a manifestação e reconhecimento dos atributos indispensáveis ao recrutamento para os centros especializados, definidos como “dom” ou “talento” pelos agentes sociais. No decurso da etnografia, no entanto, dei-me conta de que esta era uma perspectiva demasiadamente utilitarista de abordar os jogos. Os meninos que jogam peladas projetam-se, seguidamente, em futebolistas profissionais, mas dizer que eles jogam para tornarem-se “ronaldinhos” é um equívoco. Eles jogam, antes, para se fazerem meninos, pois o futebol no Brasil é marcado como um espaço privilegiado da homosocialidade masculina; de certo modelo de masculinidade, bem entendido. Jogando, alguns meninos se descobrem possuidores de atributos especiais no domínio das técnicas futebolísticas, o dom/talento, entendido aqui como um diferencial, produzido a partir da percepção comparativa entre meninos e, por vezes, meninas.

Cada configuração de bricolagem tem o seu prodígio, pois o jogo permite o confronto e a hierarquização. O dom/talento aparece e, por vezes, desaparece em meio a este processo difuso, permeado de sonhos e devaneios. A expectativa de vir a ser um craque de bola e, a partir disso, galgar a fama e a idolatria, está muito presente no imaginário dos meninos de classes populares, mas dizer que este é o principal motivo pelo qual eles se entregam ao jogo de modo absorvente talvez seja um exagero. Fazer-se homem desde menino é tão ou mais importante, provavelmente porque esta talvez seja uma imposição social. Foi nesta perspectiva que observei os meninos e meninas da rua Leão XIII, na Cidade Baixa, bairro de classe média/média-baixa próximo ao Centro da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O engendramento do gênero: cenário e atores

A Leão XIII é uma rua sem saída, também chamada de “beco” pelos moradores. Trata-se de um conjunto edificado ao final dos anos 1950, constituído por 12 blocos com oito apartamentos cada, dois por andar, sem elevador e tampouco portaria; 96 apartamentos de dois e três dormitórios, no total aproximado de 300 moradores. A gritaria é intensa ao cair das tardes, quando parte dos moradores, na faixa dos sete aos 14 anos, apropriam-se dele.² Wilson³ está sempre lá. Marcos II também, e ambos são moradores, o primeiro nascido e o outro chegado por volta dos sete anos. À diferença do primeiro, Marcos II é freqüentemente advertido pelos pais, da janela do quarto andar: “Sobe!”. Ele contra-argumenta e, por vezes, é acometido

² As observações que estão na origem da presente descrição foram realizadas ao longo de 2001 e 2002, boa parte delas registradas em diários de campo ao longo de 2003, período em que estive afastado de Porto Alegre, e transformadas em texto para a tese no segundo semestre de 2004. O capítulo da tese foi modificado para o Seminário Internacional Fazendo Gênero VII, realizado em agosto de 2006, e sofreu novas alterações para a presente publicação. Apesar de os fatos referidos terem ocorrido em passado recente, mantenho a descrição no presente etnográfico.

³ Todos os nomes próprios são fictícios.

por faniquitos. A mãe justifica-se: “Criança precisa ter limites” e “Meu filho não vai virar menino de rua, Deus me livre!”. O parâmetro é Marcos I, um dos mais antigos no Beco, por muito tempo um dos líderes, condição alcançada por meio de ameaças e do uso da força física. Marcos I mudou-se do Beco, em 2002, mas continua freqüentando-o, embora não seja mais o parceiro preferencial de Wilson, a dupla que efetivamente dava a impressão de habitar na rua.

Marcos I tornou-se a referência negativa para a mãe de Marcos II. Tiago II, que também se mudou em 2002, era usado como contra-argumento: “Vocês querem que eu seja como o Tiago II?” Vizinho de porta de Marcos II e proibido de freqüentar o Beco pela avó adotiva, Tiago II limitava-se aos jogos de *pokemon* com Vivian, à entrada do prédio. Vivian, que também deixou o Beco em 2001, era a parceira preferencial de Gabriel, que era tido como referência positiva para a mãe de Marcos II, pois, em vez de “bocado, mal-educado, agressivo, prevalecido...”, o menino de 9 anos destacava-se no domínio da língua portuguesa, conjugando todos os verbos, incluindo-se os condicionais, imperativos e impessoais, além de ser um profundo conhecedor dos poderes mágicos de cada um dos personagens de desenhos animados e das hierarquias respectivas. Todavia, o domínio do verbo e a cortesia com que tratava Vivian não foram suficientes para despertar-lhe os encantos que, segundo os comentários, inclinavam-se por Marcos I. Este, por seu turno, importava-se tanto com Vivian quanto com o estudo de matemática, cujas notas em vermelho conduziram-no aos exames, férias adentro. Marcos I perdeu a liderança em meados de 2001, depois da chegada de Júlio, irmão de Flávio, melhor do que Marcos I em todos os quesitos, incluindo-se a truculência e o repertório escatológico. Acima de Júlio, encontravam-se João, mais velho, mais forte e de quem ele se tornou rapidamente amigo, e Robson, menor, porém melhor em todas as atividades que demandassem habilidade corporal. Em certa ocasião, Júlio bateu em César, que não mora no Beco, mas é um dos mais assíduos. O pai de César articulou uma surra em Júlio com uma gangue da escola, a mesma em que estuda Leonardo, nascido na Leão XIII, tal qual Laura e seu irmão João, o Joãozinho.

Quando me mudei para a Leão XIII, não havia começado a pesquisa sobre a formação de futebolistas e, talvez por isso, as peladas de fins de tarde e de fins de semana sequer foram notadas. Na verdade, elas não eram muito freqüentes, pois os meninos e as meninas preferiam, à época, brincar de esconde-esconde. Tive, então, uma alteração com Marcos I, de quem me tornei inimigo. Ele e um grupo reduzido de amigos, entre os quais Wilson, passavam as tardes chutando a bola contra um portão de zinco, nos fundos de um colégio da Associação Cristã de Moços. Ao cair do dia a eles juntavam-se os que haviam retornado da escola e outros que a tinham freqüentado pela manhã, pondo-se todos a jogar e discutir ruidosamente; mais discutir do que jogar, para ser preciso. Para demarcar as balizas do gol, usavam os sacos de lixo depositados pelos moradores, com vistas ao recolhimento noturno. Mesmo sendo um beco, a Leão XIII é movimentada, com entrada e saída constante de automóveis. Um deles estourou uma das balizas e então sugeri, da minha janela, que Marcos I recolhesse o que havia sido espalhado. Indiferente e depois agressivo, aca-

bou acatando a sugestão, constrangido pela própria mãe que ouvira meus argumentos da janela do seu apartamento. No decorrer da semana, Marcos I entortou a placa do meu carro em represália, e comuniquei o fato à mãe dele, tão logo Wilson denunciou o atrevimento. Marcos I foi proibido de “baixar” por uns dois dias, assistindo da sua janela às brincadeiras dos outros. Tornamo-nos inimigos, mas o tempo tudo amainou.

Como disse, as peladas não me importavam, à exceção desse episódio, talvez. Numa tarde, porém, ouvi um vozeirão em lugar da histeria infantil que os ouvidos, de tão habituados, permitiam passar de um lado a outro sem registrar. A voz grave era suficientemente inusitada para me pôr à janela: tratava-se de um policial militar que, em plena ronda, instruía João no trato com a bola. Eu os observei e depois fotografei, sem nenhuma razão especial. Dias depois, presenciei outra cena que me faria repensar a importância da sociabilidade das crianças do Beco. Marcos I, Wilson, César e Robson, instruídos por este, realizavam, em vez de uma pelada convencional, uma espécie de seção de treinamento físico. Haviam disposto uma quantidade razoável de sacos de lixo em duas colunas paralelas, de modo que os entulhos, à maneira de balizas ou cones, como é de praxe observar-se nos centros de treinamento, prestavam-se como referências para deslocamentos descontínuos: em ziguezague, saltos, com ou sem a condução da bola. Ao notarem-se observados, envergonharam-se profundamente. Arrependi-me por tê-los constrangido, rompendo com uma atividade em tudo diversa do que eles realizavam costumeiramente. Havia qualquer coisa “fora de lugar” no que eles estavam fazendo, do contrário não teriam razão para suspenderem-na prontamente.

Ao introduzirem uma seção de treinamento – vim a saber depois que Robson freqüentava as escolinhas do Grêmio, onde se familiarizara com o dispositivo que agora repassava aos outros garotos – eles tornavam manifesto o desejo de fazer do futebol algo mais do que uma brincadeira, pois o que eles praticavam por entre os sacos de lixo era, como dissera o próprio Robson, treinamento e, enquanto tal, possuía uma conotação pedagógica em tudo diversa dos chutes no portão da ACM e das peladas. A “vergonha” também poderia ser interpretada como extensiva ao fato de terem sido surpreendidos praticando uma seção de aprendizado de futebol, quando se diz em toda a parte que futebol não se aprende, se nasce com ele – “quem é bom vem do povo”. A presença constante de, pelo menos, uma menina nessa configuração conduziu-me, no entanto, a repensar a perspectiva da observação. Colocando em segundo plano o domínio dos capitais futebolísticos e o *status* adquirido a partir deles, centrei meus olhares na sociabilidade e na dinâmica do grupo como um todo.

Esta mudança de perspectiva fez-me ver que o futebol não é aprendido por questões instrumentais, com vistas à profissionalização, como acreditam muitos *experts*, mas que ele é, antes de tudo, praticado por questões de ordem simbólica, numa espécie de constrangimento imposto aos meninos. De modo geral, as meninas tendem à exclusão, podendo esta ser imposta ou consentida, dependendo do contexto, não raras vezes sendo imposta e consentida ao mesmo tempo, dado que o

desinteresse das meninas pela prática do futebol tende a ser percebido como algo natural. Mesmo sendo consentida, a exclusão não é por isso menos violenta, conquanto esta poderia ser classificada como branda, pois se aplica quase que imperceptivelmente e, por vezes, de forma indireta. Poder-se-ia argumentar que o futebol é uma dessas tantas atividades banais, à margem das esferas efetivamente determinantes para o sucesso de um indivíduo, de tal modo que praticá-lo ou não seria irrelevante, bem diverso do que vem a ser a exclusão da participação na política ou o acesso a determinados bens simbólicos e econômicos. Poder-se-ia dizer ainda que àqueles – e, sobretudo, àquelas – a quem é negado(a) o acesso ao futebol restam muitas outras possibilidades de expressão corporal, existindo esportes para todas as idades, gostos, bolsos e assim por diante. Como esses dois argumentos são seguidamente referidos por aqueles que naturalizaram as formas sociais e culturais de classificação e, por extensão, de dominação, convém apresentar um contra-argumento, que serve como ponto de partida teórico para esta discussão.

Antes de mais nada, é preciso lembrar um princípio elementar do fazer antropológico segundo o qual não convém ao pesquisador definir, à revelia dos agentes sociais e do contexto no qual estão inseridos, quais são os eventos, os ritos e as práticas tidas como centrais ou periféricas para suas experiências. Com base nesta premissa, não há como afirmar, de forma peremptória, que o futebol é uma prática periférica e, portanto, que a inclusão ou exclusão dela não influencia na construção subjetiva dos sujeitos. Pelo que esta etnografia haverá de mostrar em seguida, participar ou não dos jogos e, por extensão, ser ou não apreciado pelos colegas, constituía-se numa experiência singular e mesmo dramática para os meninos e meninas do Beco, na medida em que houvesse discrepância no valor atribuído à atividade. Em última instância, o futebol é nada além de um jogo, mas nada aquém de um espaço de interação social no qual as classificações de *status* atuam a pleno.

Os argumentos mais freqüentes, invocados pelos meninos, para excluir as meninas são de que “elas não sabem jogar” e por isso “atrapalham o jogo”, “dão chutes para qualquer lado” e “caneladas”. Os argumentos mascaram, em grande parte, o fato de que um jogo com a presença de meninas tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado “a valer” – “jogo pegado”, “duro”, “renhido”, “pau-a-pau” etc. –, no qual as hostilidades não podem ser exercidas plenamente, na medida em que elas interessariam apenas aos meninos. Tais percepções não devem ser generalizadas, mas têm sido notadas em contextos sociais bem diversos (ALTMANN, 2002).

Tanto mais nítida é a diferenciação dos papéis em dado contexto social, mais intensamente os jogos haverão de reproduzi-los, razão pela qual é recomendável estar atento ao valor atribuído a dada modalidade de jogo e, sobretudo, a sua conotação (ou não) em termos de masculino, feminino ou misto. É pelo fato de que se naturalizou, entre nós, o futebol como prática masculina, que se espera, de meninos e meninas, atitudes diferenciadas. Meninas atrapalham não apenas porque não

dominam as técnicas corporais, senão que são percebidas pelos meninos como propensas a não se deixarem absorver pelo jogo, e raramente o fazem. Medir-se, hostilizar-se, fazer-se temer, subjugar e, sobretudo, fazê-lo aberta e publicamente – razão pela qual o jogo constitui uma ocasião privilegiada – é um exercício imposto aos meninos, e os jogos são absorventes, na medida em que suscitam tais atitudes.

Todos, meninos e meninas, são hostilizados no jogo, com a diferença de que se espera dos meninos que eles permaneçam no jogo, de que eles se importem com as hostilidades e reajam a elas, que eles se sintam ridicularizados ao serem driblados por entre as pernas, que façam ameaças e, por vezes, as cumpram, e assim por diante. Trata-se de um reconhecimento dos códigos cujo ato implica, por si só, partilhar de um dado sistema de crenças. Jogos assim são classificados como “pegados” – com “porrada de parte a parte”; “bola rolando e o pau comendo”; “joguinho duro”; “chuleado”; “marcação apertada”; “o bicho pegando”, entre outros. Teme-se que as meninas dêem a isso tudo uma significação diversa, importando-se pouco ou nada com o jogo que é jogado para além do jogo propriamente dito, enfim, teme-se que elas não sejam absorvidas pela dimensão simbólica desses jogos, que não o tomem a sério, como fazia Marina, uma das meninas que participavam das peladas na rua Leão XIII.

O consenso que define o futebol como jogo para meninos também estabelece que as meninas são imunes às classificações de *status* estabelecidas a partir dele, desde o “craque” ao “cagão” – é importante ter em mente que o domínio das técnicas corporais não é o único parâmetro de *status*, sendo a virilidade e a coragem atributos tão ou mais valorizados. Por isso, as meninas ofereceriam apenas riscos em vez de desafios. O que permanece implícito é o fato de que, pelo jogo, dramatizam-se tanto as definições de gênero, quanto a maneira como cada menino ou menina em particular vai se posicionar em relação a elas. Isso implica dizer que há possibilidade de manobra, de empreender estratégias de ação, individuais e coletivas e, particularmente, que as meninas, investidas por argumentos pinçados em contextos menos sexistas do que o esportivo, possam investir contra ele.

É importante destacar, todavia, que também não existe um padrão homogêneo de comportamento masculino nas configurações futebolísticas, embora prevaileça, seguidamente, um modelo que se convencionou como tradicional, entendendo-se, enquanto tal, os valores e as práticas vigentes em “sociedades do tipo kabila” (BOURDIEU, 1999, p. 13-67), nas quais se observa nítida distinção dos papéis sexuais, proeminência axiológica do masculino, dicotomização, hierarquização e complementaridade com o feminino. Ao contrário do que por vezes é pressuposto, sobretudo na literatura feminista, a dominação é uma arte ensinada e aprendida; não é, pois, naturalmente dada aos homens. Aprender a ser dominante requer investimentos e, não raro, isto é custoso. A passagem à condição de dominante é galgada, seguidamente, às custas de provações, como atestam os inúmeros ritos de passagem a que são submetidos os adolescentes nas sociedades tradicionais (CLASTRES,

1978; RODRIGUES, 1986). No caso dos jogos, os dominantes são em geral os mais hábeis, que se impõem a partir da adequação do corpo e do movimento às regras do jogo, ou então, os mais fortes, que simplesmente impõem as regras a partir da força.

O caso de Joãozinho ilustra de modo paradigmático esta passagem. No princípio, quando tinha quatro ou cinco anos, era a mãe quem o conduzia para dar chutes no Beco. Vez por outra, vinha com a irmã Laura ou então com um dos tantos adolescentes que vadiavam à entrada da Leão XIII. Joãozinho cresceu no Beco e, com o passar dos dias, deixou de tolerar aquele faz-de-conta com a babá, a avó e a mãe. Aos sete anos, foi sendo incorporado à dinâmica da sociabilidade de rua e, particularmente, às peladas nas quais predominavam meninos na faixa dos dez anos de idade. Havia uns 12 ou 15 deles no Beco, nos tempos áureos, quando também jogavam taco, andavam de skate e batiam figurinhas de pokémon. O ingresso de Joãozinho na dinâmica dos jogos foi progressiva, paralela ao processo de inserção na configuração como um todo. O fato de possuir uma bola o favoreceu, sobremaneira. Passados dois anos, no entanto, ele ainda era um coadjuvante nos jogos verdadeiramente absorventes, naqueles em que o ruído era intenso, pois havia muitas intrigas. Ele jogava calado, e a sua contribuição para o time era precária, em razão da pouca idade e da técnica escassa. Mas jogava; quer dizer, corria para cá e para lá, raramente tocando na bola. Todavia, eis que numa tarde de domingo observei-o com mais dois amigos do colégio, ambos da sua idade, e Flávio, morador do Beco, de mais idade, mas indiferente ao futebol. Naquele dia, enquanto os demais meninos estavam ausentes, Joãozinho estava alvoroçado, dando ordens, determinando as regras, aplicando aos outros a cartilha aprendida como dominado. As exigências em relação a ele sempre foram menores, mas não ao ponto de ser poupado dos xingamentos. Em dada ocasião, Joãozinho julgou a cobrança excessiva: fez bico, tomou a bola e recolheu-se, ouvindo barbaridades dos demais. Notando sua ausência prolongada, perguntei à Laura pelos motivos: "Ele só joga videogame agora, nem desce mais no Beco. É que o Wilson só xinga ele: diz que ele é um perna-de-pau. Daí ele prefere jogar videogame". É claro que, tempos depois, Joãozinho reapareceu, mas para galgar prestígio no Beco e, particularmente, nas peladas, teve de apresentar evoluções.

Ao menos para os meninos do Beco, alguns deles já na pré-adolescência, e outros se aproximando dela, as demonstrações de poder, potência, agressividade e virilidade tornaram-se quase uma imposição. Marcos II, acuado pelas acusações de "cagão", foi abandonando as peladas no Beco ao mesmo tempo que criou uma justificativa dando conta de que era o melhor no futebol entre seus colegas do colégio, fato corroborado por Joãozinho. No período de transição, quando ele ainda participava dos jogos, assumira um comportamento teatralizado, propenso a bizarrices toda a vez que a bola chegasse nele. Imaginava, talvez, impor uma névoa em relação às suas competências e ao gosto pelo jogo. Ninguém poderia acusá-lo de "cagão", pois ele tornara-se um daqueles que não se importavam verdadeiramente com o jogo, podendo entrar e sair dele como e quando quisesse. Em dada ocasião, soube

posteriormente, ele foi às vias de fato com Flávio, outro menino de reputação duvidosa para os entreveros. Pelas versões que cataloguei, a briga terminou empatada, mas ambos, tidos como “cagões”, conseguiram algum prestígio com o evento. Laura, por exemplo, lamentava-se de não ter assistido à briga, pois o insólito teve desdobramentos, provocando a ira da mãe de um dos brigões, e do pai do outro. “Foi por causa de um arremesso”, contou-me Laura, “mas a verdade é que eles sempre se odiaram.”

O envolvimento com o jogo e pelo jogo

As peladas na Leão XIII constituem um protótipo de rito de engendramento – no sentido de feitiço moral e estético (ALMEIDA, 1995) –, instruindo comportamentos, valores, classificações, enfim, são eventos de destacada eficácia simbólica no processo de percepção e elaboração das diferenças, particularmente das de gênero, incluindo-se as próprias definições do que seja masculino e feminino (BOURDIEU, 1999, p. 35; ZAIMAN, 2002, p. 25-31). Negar-se a ilusão do jogo – no sentido de *illusio*, de envolvimento e investimento simbólico – é colocar em xeque as representações naturalizadas. Certos jogos são atravessados pelo engendramento dos papéis sexuais e as tensões que eles promovem são, em boa medida, decorrentes do fato de que há consensos bem estabelecidos em torno do significado de certos códigos. As meninas representam uma ameaça nos jogos de futebol, na medida em que elas podem vir a modificar os significados de certos eventos que ocorrem no interior do jogo, podendo, inclusive, destituí-lo da conotação masculina, tendo os meninos de buscar outras estratégias para se fazerem meninos: aderindo a uma outra modalidade de jogo, na qual não há a presença de meninas, ou admitindo a possibilidade de parâmetros menos ortodoxos em relação à diferenciação de gênero.

É razoável supor que os praticantes de futebol, para além dos meninos do Beco, imaginam ocultar um segredo: de que jogando estão se fazendo homens. Ou dizendo talvez o óbvio, de que masculino e feminino são categorias de *status* como outras quaisquer e é preciso forjá-las incessantemente. Assim como brincar de boneca é uma forma de experimentar-se no papel de mãe, jogar futebol é uma forma de aprender a ser homem, embora jamais tenha ouvido quem quer que seja expressar isso aberta e publicamente, possivelmente porque essas categorias estão naturalizadas em nossas representações ordinárias.

As estratégias de enfrentamento às percepções naturalizadas, condição indispensável para a entrada das meninas no jogo, podem ser as mais diversas. As de Laura, irmã mais velha de Joãozinho, constituem um caso concreto de inserção bem-sucedida, apesar do alto custo, como se verá. Em dado momento, quando ocorreu a transição das brincadeiras de esconde-esconde para as peladas, ninguém foi tão hostilizado(a) quanto ela. Gabriel, um intelectual prodígio, tido como “mongolão” pelos demais meninos, já era chamado de “moscão” antes mesmo de o futebol ter-

se tornado a principal atividade dos fins de tarde. Laura, ao contrário, estava entre os estabelecidos do grupo, ditando as regras e as punições no jogo de esconde-esconde. Sua voz estridente destacava-se em meio ao burburinho e, nas pendengas, sempre fora ativa, para não dizer que era, seguidamente, a protagonista.

É difícil saber até que ponto a presença dela nos jogos contribuiu para desnaturalizar uma dada concepção convencional dos papéis sexuais que se revelavam a partir das várias estratégias de resistência dos meninos do Beco, não exatamente à presença de meninas, mas à presença de Laura, cujas atitudes contrastavam com as de Marina. Esta última jamais participou verdadeiramente do jogo, ou seja, jamais consentiu com a ilusão de que nele estivessem em disputa valores essenciais à sua pessoa. A constatação de Robson apenas reforça minhas observações: “Ela só fica na frente do gol, atrapalhando; aí eu meto um bago [chute potente] nela que é pra ela sair de uma vez do jogo; essa aí não conta!”. Já Laura... “Ah”, disse Robson, “ela não tem muito controle [da bola], mas não tem medo, tem raça e tal. Tem guri mais cagão do que ela!”

A propósito, “cagão” era uma categoria acusatória das mais estigmatizantes. Gabriel, o intelectual prodígio, chegou a se fazer matricular numa escolinha de futebol para fugir dela. Apareceu no Beco fardado dos pés à cabeça, mas continuou sendo hostilizado, e tanto mais quanto ele, como contrapartida, ridicularizava os outros quando as discussões transcendiam a esfera esportiva. Ele desejava, e muito, participar das atividades coletivas, mas os outros descobriram em Gabriel uma falta de traquejo nos movimentos, uma maneira desengonçada de correr, uma *hexis*⁴ que o colocava no final das hierarquias. De mais a mais, mostrava-se frágil em relação aos xingamentos, excluindo-se freqüentemente dos jogos, não raro aos prantos, e sob acusações de “chorão”, “cagão” e o estigma de “marica”. Não há razões para crer que, em configurações dominadas por meninos e pelo futebol, o “chorar” não implique estigmatização, a menos que se chore de raiva, como Flávio e Marcos II, que brigaram espetacularmente.

Não é fácil fazer-se menino no Beco, especialmente para os que não dispõem dos capitais tidos como legítimos pelos estabelecidos, dom/talento ou coragem. Ser menina sem curvar-se à hegemonia masculina tornara-se, para a geração de Laura, uma tarefa ainda mais penosa, pois elas não eram mais do que duas ou três num grupo de 12 a 15. Marina nunca ligou muito para o futebol, afinal ela estava à frente do grupo, como evidenciara a mãe de Laura: “Com ela, tudo aconteceu muito antes

⁴ O termo *hexis*, na esteira do significado que lhe é atribuído por Pierre Bourdieu, em várias de suas obras, refere-se, basicamente, à postura propriamente corporal adotada pelos agentes sociais. A postura corporal, enquanto expressão objetiva da subjetividade, expressa a naturalidade ou o desconforto dos agentes em face das circunstâncias. A postura de Gabriel na interação futebolística tornava patente aos bons observadores, como era o caso dos demais meninos e meninas, que ele fazia um esforço considerável para realizar uma atividade que os outros desenvolviam com naturalidade. Seu jeito desengonçado de correr, a postura peculiar que ele adotava para chutar a bola e a dificuldade de se posicionar no jogo indicavam, claramente, uma situação desconfortável, que é própria daqueles que não dominam os códigos do grupo.

dos outros, inclusive na sexualidade...". Entretanto, não fora só isso. Marina possuía, desde muito cedo, uma posição distinta, ao mesmo tempo acima e fora do grupo, razão pela qual ela própria excluía-se de algumas brincadeiras ou dava de ombros se lhe exigissem algo além do que julgasse ao seu alcance. Era comum vê-la sentada na traseira de um veículo estacionado ou displicentemente postada à frente de uma das goleiras, de havainas e mini-saia. "Pô Marina, vai ficar aí plantada, deixando eles fazerem o que quiserem na tua frente?" "Não, já tô fora...!" Com Laura, porém, as interações se travavam noutra conjuntura, pois ela estava envolvida na trama do Beco: nascera e crescera ali, liderando o grupo que agora lhe negava o direito a participar das brincadeiras. Tirá-la do futebol poderia ser desejável; difícil seria fazê-lo.

Para enfrentar as tentativas de enquadramento e humilhação, ela entregou-se ao aprendizado das técnicas necessárias a fim de se fazer respeitar. Dia após dia, lá estava Laura, fazendo floreios (ou tentando) com a bola. Uma, duas, três embaixadas... a bola caía; ela recomeçava. Um, dois... a bola fugia-lhe novamente ao controle, entrando para debaixo de um carro. Apanhava-a e recomeçava. Haja obstinação! Laura foi exercitando-se isolada dos outros, acompanhada de Joãozinho, seu irmão, de um ou outro menino, jamais na companhia dos melhores. Robson, Júlio e João estavam noutro patamar e tudo o que faziam não era senão para constranger os outros, principalmente se estivessem os três no jogo ao mesmo tempo.

A melhora da performance no jogo depende do aprendizado de uma economia do movimento, a lapidação e adequação dos gestos, a apropriação do espaço e do tempo pelo corpo. Aprende-se a descobrir o próprio corpo, a maneira de sensibilizá-lo, aos poucos, com a paciência de que não se dispõe para tantos aprendizados tidos como edificantes. Seguindo a cartilha, pode-se notar, em alguns meses, a diferença, e foi isso que aconteceu quando retornei ao Beco depois de um ano de afastamento. Impressionei-me com a performance técnica de Laura. Numa dessas peladas de fim de tarde, notei-a dominar a bola e mantê-la sob a sola dos pés, à frente do corpo, protegendo-a do garoto que estava às suas costas. A postura equilibrada, com os braços levemente afastados do corpo, impede a aproximação do garoto que tentava tomar-lhe a bola pelas costas; a perna que repousa sobre a bola pressiona-a contra o solo, impedindo que esta escape ao controle; a perna de apoio levemente flexionada torna os movimentos fluidos, e ela tem, então, uma fração de segundo para levantar a cabeça e direcionar o passe... Então um giro e, naquela ocasião, um chute! Num início de tarde de domingo, sol a pino, dois contra três, Laura jogando no time de dois, o que dá idéia de que ela "está podendo", como eles dizem. A gritaria de sempre, a voz estridente, o tempo inteiro, marcando tudo, implacavelmente, e, se isto não bastasse, acicatando a honra do time de três, como ocorreu em um gol de desempate: "três a dois, e um banho de bola!".

Provavelmente Laura não teria se empenhado tão disciplinadamente na domesticação dos gestos futebolísticos, se não houvesse incorporado, a partir de outros espaços, a convicção de que meninas não são feitas para ocupar a periferia

dos processos sociais. Em certa ocasião, a própria mãe de Laura invocou a história familiar, definindo-se como pertencente a uma família de “mulheres que vão à luta”.

Parece-me, portanto, que as alegações de que “as meninas não sabem jogar” e de que elas “avacalham o jogo” devem ser compreendidas a partir de uma noção mais alargada de jogo, no sentido de que, para além do futebol ou de outra modalidade qualquer, existe um jogo de *status* ou, se preferirem, um operador simbólico em ação. O que está em jogo no futebol dos meninos é, basicamente, sua honra pessoal – a coragem e a virilidade, sobretudo –, ainda que elas sejam seguidamente implícitas. A presença de Laura em meio aos meninos facilitou tais observações, ao vê-la sendo tomada como “estranha” pelos próprios pares. Talvez o verdadeiro crime do vigarista, escreve Goffman, “não consista em tomar dinheiro de suas vítimas, mas em roubar-nos a todos nós da crença de que as maneiras e a aparência da classe média só podem ser mantidas por pessoas da classe média” (1985, p. 26). Diria, parafraseando-o, que Laura foi uma espécie de vigarista, ao roubar dos meninos a ilusão de que menina não pode jogar futebol.

Considerações finais

Muito embora a participação das mulheres no futebol tenha se tornado mais visível nos últimos tempos, ainda são recorrentes as representações de que é da natureza dos homens gostar deste esporte, quando o mais adequado seria pensar que se trata de um jogo moldado para forjar a natureza masculina – de certos modelos de masculinidades, bem entendido (ARCHETTI, 1999; GOELLNER, 2005). Como em outros esportes, as regras prestam-se, prioritariamente, para conter o uso irrestrito da força física, sem o que as disputas esportivas resultariam em guerras, como sugere Elias (1992). Mas além de conter a violência física – e, como contrapartida, potencializar a violência simbólica, talvez uma das pedras de toque da estética esportiva –, as regras são essenciais na conformação dos usos do corpo. Assim sendo, todos os esportes interditam alguma modalidade de uso do corpo – até mesmo o boxe e a “luta livre” –, e alguns poucos, como as ginásticas, sugerem e até exigem certas performances.

Gostaria de frisar, por fim, que não existe jogo neutro e, ao mesmo tempo, todo jogo possui uma dimensão política, pois tende à separação entre vencedores e vencidos, sendo esta uma característica estrutural dos jogos disjuntivos. O fato de as regras serem consentidas entre os participantes e aplicadas idoneamente não implica que os jogadores estejam sempre em igualdade de condições. É justamente para evitar que uma equipe ou um contendor tenha demasiadas vantagens sobre outro que se criaram as hierarquias em termos de idade (em quase todos os esportes), de peso (caso das lutas, sobretudo) e de gradação técnica (caso das divisões futebolísticas A, B, C, etc.). Estas hierarquias, cujo objetivo principal é equilibrar a disputa no seu princípio, enquanto condição indispensável para que tenhamos jogo e não exibi-

ção, são a prova derradeira de que as regras, por si só, são incapazes de neutralizar as diferenças. Seguindo este raciocínio, pode-se afirmar que as regras de um jogo são muito mais do que mero suporte para dar fluidez à disputa, pois vêm carregadas de informações acerca dos valores de um dado grupo, de uma determinada época e assim por diante.

No decurso deste texto, busquei captar o significado não apenas da inclusão e exclusão do jogo, mas do jogar bem/mal e todas as conseqüências, em termos de *status* decorrentes do envolvimento no jogo. O futebol praticado no Beco bem poderia ser definido como um pretexto para a dramatização das relações de gênero, do processo de afirmação das identidades e das descobertas de si e dos outros, sobretudo para aqueles que se descobrem e se fazem meninos jogando, no sentido lato do termo. O jogo deles é um tanto estranho ao *football association*: é interdito o uso das mãos, mas as metas são demarcadas com sacos de lixo; têm meninas em meio aos meninos; uns jogam de chinelos de dedo e outros calçados; são de idades e tamanhos variados e há senhas para interromper o jogo quando entra um carro no Beco ou a bola rola para debaixo de um dos que estão estacionados. Como estas, constroem outras regras, e são todos árbitros em potencial, embora os mais fortes tentem impor seus juízos, especialmente em casos de conflitos, que de resto são constantes. A escolha das parcerias, por exemplo, é uma das atividades mais dispendiosas, pois há de se escalonar futebolisticamente e ainda conciliar as preferências dadas pelas afinidades que estão à mercê do jogo. Joga-se para ganhar, mas isso não é tudo. Acontece que a brincadeira já está em curso bem antes de o jogo começar e são quase sempre as tensões paralelas que determinam o seu final. O jogo de bola, em si mesmo, era apenas um aspecto da *mise-en-scène*.

Abstract: The soccer is considered a game with a strong masculine connotation in Brazil and it is discouraged to the girls. The objective of this paper is to show, from a concrete social configuration, how the dynamics of the games make it be perceived as a men activity, although there are some men that are not conformed to the standards of hegemonic masculinity of the soccer. I analyze, through the ethnographic perspective, some strategies to face the exclusion suggested to the girls.

Keywords: soccer; culture; masculinity.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ALTMANN, Helena. Meninos e Meninas jogando futebol. *Verso & Reverso*, São Leopoldo, ano 16, n. 34, p. 89-100, 2002.

- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinities: football, polo and the tango in Argentina*. Oslo: Berg, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CLASTRES, Pierre. Da tortura nas sociedades primitivas. In: _____. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado)-PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005a. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufrgs.br/Bibliotecadigital>>.
- _____. Senso de jogo. *Revista Digital Esporte e Sociedade*, ano 1, n. 1, 2005b. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br>>.
- ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- _____. *Qu'est-ce que la sociologie?* Paris: Éditions de l'aube, 1991.
- GOELLNER, Silvana V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- ZAIMAN, Claude. Ensemble et séparés. In: GOFFMAN, Erving. *L'arrangement des sexes*. Paris: La Dispute, 2002.